

TENDÊNCIAS MUNDIAIS

Crise da Síria causa tensão na fronteira turca

Por LIAM STACK

GORENTAS, Turquia — O refugiado Rostom parou perto do cume desta aldeia montanhosa e olhou pelo binóculo, tentado ver o movimento de tropas sírias do outro lado da fronteira, que fica no fundo do vale abaixo.

Às vezes, há tanques no topo dos morros à distância, segundo ele. As aldeias nos dois lados da fronteira estão fervilhando com rumores de que haveria franco-atiradores sírios aninhados em torres de observação nas encostas, e nos meses passado os moradores daqui viram dois carros — um jipe e um táxi Nissan — queimando perto da fronteira.

“Isso é tudo da Síria”, disse Rostom, 43, apontando no vale. “E agora é tudo do Exército.”

A atual aspereza da fronteira é um choque para a maioria por aqui. Os moradores dizem que a divisão entre Turquia e Síria, demarcada por uma estradinha asfaltada, nunca refletiu a vida

no vale: a maioria das árvores genealógicas tem raízes e ramos que avançam em zigzague pela fronteira, e as sinuosas trilhas montanhosas entre os dois países estão acostumadas a um mercado negro de ovelhas e cigarros.

Quase todos os locais têm dois nomes, um em turco e um em árabe, e muitos são bilingües.

Mas a tensão na Síria rompeu os laços entre as comunidades dos dois lados, segundo moradores, em parte por causa da fuga de um grande número de moradores do lado sírio, e também por causa da agora massacrante presença das forças de segurança sírias.

A enxurrada de produtos contrabandeados foi reduzida a um fio; famílias estão em polvorosa. Alguns moradores fugiram para cidades Síria adentro, enquanto outros vieram para Turquia.

“Não há absolutamente nada por aqui, e todos estão cansados”, afirmou Rostom. “O contrabando parou totalmente.

As pessoas costumavam contrabandear cabras, vacas e ovelhas para cá, mas como você vai trazer vacas pela fronteira com todas essas forças de segurança?”

Rostom e sua família fugiram em junho da sua casa, em Jisr al Shoughour (norte da Síria), por causa da repressão governamental à rebelião contra quatro décadas de governo da família do presidente Bashar Assad. Autoridades turcas dizem que 7.660 pessoas estão alojadas em acampamentos do Crescente Vermelho turco.

Há cinco meses, Rostom, sua mulher e os cinco filhos vivem em uma casa de três quartos pertencente a um primo turco, que mora na capital provincial. Seus pais e a irmã moram ainda mais para cima do morro.

Todos os dias, ele espia pelo binóculo o movimento militar no seu país, e se reúne com amigos para tomar café, fumar cigarros e trocar notícias e novidades.

Eles falam sobre os rumores da

rebelião na Síria. Temem que seus filhos não tenham escola. “Dependemos uns dos outros”, disse Rostom. “A vida anda dura para todo mundo na fronteira.”

Recentemente, ele assistiu a um violento vídeo que lhe foi entregue num pen-drive por outro refugiado, Nouri Abdel Sofaan.

No vídeo, homens seminus são agredidos por outros que usam uniformes pretos e brandem porretes e chicotes. A cena foi gravada numa prisão de Latakia, no litoral sírio, segundo lhes disseram.

Sofaan ficou sentado em silêncio. Em setembro, seu sobrinho Alaa, 23, foi baleado e morto no vale, contou ele. Em junho, quando as forças do governo chegaram, Alaa estava visitando parentes em Khrbet al Jouz.

Ele fugiu com a família de Sofaan, mas logo se cansou da vida no campo de refugiados, e cruzou a fronteira para voltar a Khrbet al Jouz. Havia caminhado apenas 45 metros em território sírio quando

foi alvejado por um franco-atirador, e seu corpo passou semanas caído na grama, segundo Sofaan.

Abaixo de Gorentas fica aldeia de Guvecci, mais perto ainda da fronteira, à sombra de um imponente complexo militar turco no alto de um morro. As encostas em torno da cidadezinha são recobertas por olivais.

Seus vínculos com as aldeias sírias próximas foram rompidos, disse Ammar Abu Abdu, porque simplesmente não havia restado ninguém com quem se vincular.

“Não há mais ninguém morando no vale”, disse ele sobre uma laje, apontando as moradias abandonadas. “Todos que estavam lá vieram para a Turquia. Meus parentes na Síria saíram todos.”

Enquanto ele falava, vozes sincopadas eram ouvidas à distância. Ele e outras pessoas na laje se voltaram para o morro, onde uma coluna de soldados turcos entoava cânticos militares enquanto dava voltas no quartel cercado.



Milhares já fugiram da violenta Síria para a Turquia

“Há mais soldados turcos aqui desde que os problemas começaram”, comentou Abdu. “No entanto, os turcos estão no controle aqui. Nada mudou.”

Turquia ameaça agir contra crise na Síria

Chanceler vê risco à segurança regional e afirma que seu país está pronto para qualquer cenário, inclusive militar

Liga Árabe pediu que Iraque convença sírios a aceitar observadores externos; conflitos no país mataram mais 24

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O chanceler turco, Ahmet Davutoglu, disse ontem que seu país pode agir para se proteger caso os conflitos na Síria ameacem a segurança regional e causem uma fuga de refugiados de grandes proporções — o norte sírio faz fronteira com a Turquia.

“A Turquia não pretende

interferir nos assuntos internos de ninguém. Mas, se houver risco de segurança regional, nós não nos daremos ao luxo de parar e ficar olhando”, afirmou o chanceler.

Em entrevista na TV, Davutoglu declarou ainda que, embora os turcos não considerem a opção de intervenção militar na Síria, estão prontos para qualquer cenário. Para ele, um regime que “tortura o próprio povo” não teria chances de sobreviver.

No final do mês passado, a Turquia já havia anunciado sanções econômicas ao regime do ditador Bashar Assad, similares às que a Liga Árabe

impusera dias antes.

As declarações marcam mais um passo da mudança de posição dos turcos, que em 2004 haviam assinado acordo de livre-comércio com os sírios e, quatro anos mais tarde, tentaram mediar a disputa entre Assad e o governo de Israel pelas colinas de Golã.

Em entrevista recente à rede americana ABC, Assad negou ter ordenado a repressão a manifestantes. De acordo com estimativas da ONU, pelo menos 4.000 pessoas morreram desde o início dos protestos no país, em março.

Ontem, a Liga Árabe pediu ao Iraque que convença a Sí-

ria a assinar o acordo que permite a entrada de observadores internacionais. “A bola está com os sírios”, disse o secretário-geral da liga, Nabil al Arabi. “Eles podem assinar a qualquer momento.”

RELATOS DE MORTES

Ativistas afirmaram que pelo menos 24 pessoas morreram ontem na Síria devido à repressão das forças de segurança contra protestos, principalmente em Homs, um dos epicentros da revolta.

A censura imposta por Assad à imprensa impede a verificação independente dos números de mortos.



Protesto de sírios contra Assad em Trípoli, capital da Líbia

Chefe humanitária da ONU visita refugiados sírios na Turquia
09 de março de 2012 • 13h39

<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5655840-EI17594,00->

[Chefe+humanitaria+da+ONU+visita+refugiados+sirios+na+Turquia.html](http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5655840-EI17594,00-Chefe+humanitaria+da+ONU+visita+refugiados+sirios+na+Turquia.html) — último acesso em 11/03/2012

A chefe de Assuntos Humanitários da ONU, Valerie Amos, chegou à Turquia nesta sexta-feira, após viagem à Síria, para visitar campos de refugiados levantados para milhares de sírios que atravessaram as fronteiras para fugir do conflito, afirmou uma autoridade da entidade à Reuters, em Ancara. O número de refugiados sírios que cruzaram a fronteira para a

Turquia tem crescido nos últimos dias. Mais 250 pessoas, incluindo dois generais, fugiram e buscaram refúgio no campo, afirmou o Ministério de Relações Exteriores.

Em torno de 12 mil estão registrados nos campos montados para abrigá-los na província de Hatay, ao sul da Turquia, incluindo aproximadamente 800 civis que chegaram durante a semana passada, de acordo com oficiais do ministério. A maioria está atemorizada pelos ataques das forças de segurança da Síria contra os rebeldes no bairro de Baba Amr, em Homs, disseram as autoridades.

Valerie chegou na Turquia na manhã desta sexta-feira, depois de uma viagem à Síria onde disse ter testemunhado uma devastação significativa em Baba Amr. Ela quer saber o que aconteceu com os habitantes do bairro que resistiram ao cerco militar de 26 dias antes de os rebeldes se retirarem há uma semana.

Uma autoridade do Ministério de Relações Exteriores da Turquia disse que Valerie encontraria o chanceler Ahmet Davutoglu. Ela também deveria fazer um comunicado no aeroporto de Ancara, antes de pegar o avião para Istanbul, segundo um funcionário da ONU. A Organização das Nações Unidas estima que mais de 7.500 civis já morreram na repressão de Assad aos levantes populares.

Líbano rejeita pedido dos EUA para proteger refugiados sírios

08/03/2012 - 14h54

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1058991-libano-rejeita-pedido-dos-eua-para-proteger-refugiados-sirios.shtml> – último acesso em 11/03/2012

O ministro das Relações Exteriores do Líbano rejeitou o pedido dos EUA para dar proteção aos sírios que fugiram para o território libanês.

A negativa mostra as dificuldades de Beirute em lidar com a crise no país vizinho e mostra que o governo de Damasco ainda tem influência no Líbano.

A enviada dos EUA Maura Connely visitou o ministro do Interior, Marwan Charbel, na terça-feira e, embora salientando o direito do Líbano e a responsabilidade de proteger suas fronteiras, pediu às autoridades que protejam "todos os sírios desarmados, incluindo os membros do Exército Livre Sírio", disse a embaixada americana em comunicado.

Ela também reafirmou a "preocupação" dos EUA com os casos de desaparecimentos e sequestros de cidadãos sírios no Líbano.

O ministro das Relações Exteriores libanês, Adnan Mansour, próximo do grupo pró-Síria Amal, disse que "O Líbano não pode atender tal pedido".

"O Líbano não age de acordo com um pedido, mas pelos interesses próprios para a segurança do país", disse ele.

O primeiro-ministro libanês, Najib Mikati, reforçou a repreensão aos pedidos, dizendo em seu site na quarta-feira que "representações diplomáticas que trabalham no Líbano devem saber da importância de respeitar o Tratado de Viena, as instituições do Estado libanês e as leis".

DIPLOMACIA

O Tratado de Viena de 1961 define o quadro de relações diplomáticas, obrigando os diplomatas a respeitar as leis e regulamentos dos países em que representam.

O Líbano está dividido sobre como responder aos protestos contra o ditador Bashar Assad.

Muitos políticos trabalham para evitar que as tensões se espalhem, mas o ex-primeiro-ministro Saad Hariri acusou essa semana Assad de liderar uma campanha assassina contra seu próprio povo.

Mais de 7 mil refugiados sírios fugiram para o norte do Líbano de acordo com a ONU.

Forças sírias intervieram na guerra civil libanesa em 1976 e ficaram no país até 2005, quando foram acusadas de assassinar o ex-primeiro-ministro do Líbano Rafik Hariri, pai de Saad, em um atentado.

Um tribunal da ONU acusou quatro membros do Hezbollah, grupo terrorista apoiado pela Síria, de terem realizado o atentado. Síria e Hezbollah negam a participação.

Jordânia já recebeu 80 mil refugiados sírios

http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2327226 – último acesso em 11/03/2012

A Jordânia anunciou hoje já ter recebido cerca de 80 mil refugiados sírios que fugiram de mais de 11 meses de violência no seu país.

O ministro da Informação Rakan al-Majali disse hoje que 73 mil refugiados entraram no país legalmente oriundos da Síria, pela fronteira no norte.

O ministro do Interior referiu na semana passada que mais 10 mil sírios, incluindo oficiais das forças de segurança, chegaram à Jordânia através de canais paralelos.

Os sírios que fogem da situação criada pelo regime do Presidente Bashar Al-Assad são alvo de simpatia da população da Jordânia, muitos deles são acolhidos por famílias e recebem

assistência do Governo, de grupos privados e do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

Organizações não governamentais locais estimam que já foram mortas 7.600 pessoas desde o início dos protestos.